



APROXIMAÇÕES ENTRE LITERATURA E CURRÍCULO: QUESTÕES CURRICULARES NAS OBRAS DE DALCÍDIO JURANDIR¹

Paulo Sérgio de Oliveira Álvares

Mestrando do PPEB/UFPA

Universidade Federal do Pará

pauloalvares@gmail.com

Waldina Ribeiro Braga

Mestranda do PPEB/UFPA

Universidade Federal do Pará

waldinabraga@hotmail.com

Resumo

Este escrito tem como objetivo perceber as relações existentes entre Literatura e Educação, mais especificamente o Currículo, pelo viés filosófico. Parte das aproximações entre filosofia e literatura para depois fazer os questionamentos acerca do currículo que advém da literatura de Dalcídio Jurandir, que trazem Alfredo na busca incessante pela educação, pelo conhecimento. Como trata-se de um trabalho mais conciso, faz-se as relações entre estes três campos de saberes, buscando as relações entre Literatura e Currículo, utilizando a filosofia como elemento de análise. Desta forma, trabalha-se com a noção de experiência do fora na Literatura, concebida por Maurice Blanchot para ler as obras de Dalcídio Jurandir. A partir de então, aborda-se o Currículo, advindo desta literatura, como prática de significação, no sentido dado por Tomaz Tadeu da Silva, abrindo passagem para uma discussão curricular que não se fecha na simples seleção daquilo que vale ser ensinado dentro escola.

Palavras Chaves: Currículo, Literatura, Dalcídio Jurandir.

1 INTRODUÇÃO

Neste escrito será trabalhada a relação entre Literatura, Filosofia e Educação, mais especificamente, o Currículo. Isto se deve ao fato de tal pesquisa, no curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB) do Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Pará (UFPA), proceder a investigação, pelo viés filosófico, das situações educacionais quem partem das obras literárias de Dalcídio Jurandir.

O que se pretende é discutir o currículo a partir das questões levantadas principalmente pelo personagem Alfredo, a quem Dalcídio empresta sua voz para problematizar a realidade educacional marajoara e amazônica em diversos campos, sobretudo no âmbito da educação. São questões

¹ Trabalho desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB) da Universidade Federal do Pará (UFPA), integrante do Projeto de dissertação de Mestrado, na linha de Currículo da Educação Básica.



levantadas pelo autor, a partir de uma forma peculiar de escrever e narrar a vivência dos sujeitos amazônidos que não se circunscreve no âmbito da concepção de heróis ou imaginários folclóricos, mítica ou paradisíaca da Amazônia e do Marajó. Tampouco a narrativa dalcidiana busca apresentar a identidade de um povo, a representação de um sujeito.

É nesta forma de percepção de sua literatura que este trabalho busca as aproximações entre a literatura dalcidiana e as concepções filosóficas de Maurice Blanchot ao abordar a experiência do fora na literatura, como algo que não busca a representação, o desvelamento das essencialidades. De forma mais liberta, resiste aos conceitos e concepções cristalizadas em uma realidade, mais ainda, cria, funda uma nova realidade a partir da palavra literária, fora daquilo que está posto como verdade no mundo real. Este tipo de narrativa literária, pelo viés filosófico, desdobra os vocabulários, subvertem a ordem natural das coisas e se nos apresenta como uma forma de pensar guiado pela resistência, pela invenção, pela redescritção de alguma realidade que se apresenta, por ora, como pronta, estática.

As relações desta forma de conceber a literatura dialogam com a escola básica e com o currículo na medida em que trazem, dos personagens, as críticas ou os anseios de um tipo de educação, de organização escolar, de currículo instituído. As obras dalcidianas estão encharcadas de questões filosófico-educacionais que denunciavam as concepções de educação, logo, de currículo que se passava e se praticava no Brasil, portanto na Amazônia do século passado. São questões que não inquietaram apenas Dalcídio. Será que elas ainda reverberam nas escolas de hoje, são atuais, ou Dalcídio estava à frente do seu tempo? São questões que, muitas vezes, nem precisam de uma resposta, mas que a sua problematização, contextualização, recontextualização se constituem em uma necessidade que se impõe aos intelectuais e àqueles que se movimentam na escola de ontem e de hoje.

2 RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E CURRÍCULO, PERMEADAS DE FILOSOFIA

As aproximações entre Literatura, Filosofia e Currículo fazem-se necessárias pelo fato de o objeto destes escritos ser o estudo das situações educacionais do personagem Alfredo, de Dalcídio Jurandir, de questões curriculares presentes nas aventuras de tal personagem em busca do conhecimento, da educação.

Esta leitura será feita a partir do pensamento de Maurice Blanchot, que segundo Levy, coloca em xeque o conceito clássico de linguagem, experiência, pensamento, realidade. Questiona a



ideia da literatura enquanto representação da realidade, como cópia ou imitação do real, buscando perceber como ela pode se dar enquanto experiência. Movimenta-se num campo no qual a palavra literária, que redescreve tempos e espaços sofridos e decadentes, como a narrada por Dalcídio, se configure como um fator, uma possibilidade de resistência.

A palavra literária é fundadora de sua própria realidade [...] Desta maneira uma das primeiras inquietações formuladas por Blanchot foi a distinção entre linguagem comum e linguagem literária, com o objetivo de mostrar como esta é capaz de fundar seu próprio universo (LEVY, 2011, p. 19).

Para a palavra literária criar seu mundo (i)real é preciso que se negue o real das coisas que estão aí no mundo real, como fenômenos que se nos apresentam. É preciso romper com a ideia do ser do mundo e fundar o não ser do mundo real, que vai sendo criado pela literatura na medida em que a palavra literária vai destruindo, negando o mundo real cristalizado. A fundação do mundo real literário vai sendo fundado mediante um acontecimento, a partir de um ponto imaginário. Ela “fala de realidade, mas não de uma realidade familiar, dada pelo mundo cotidiano. O realismo da ficção joga o leitor num mundo de estranhamento, onde não é mais possível se reconhecer” (Idem, p. 24). Por isso, Blanchot concebe a experiência do fora na Literatura, a qual não se ocupa de algo ficcional, imaginário, contigencial simplesmente. Fala, sobretudo, deste mundo real negado, desdobrado, traduzido.

A literatura dalcidiana se circunscreve nesta concepção de linguagem literária que inventa um mundo próprio, mas que permite a percepção crítica de um universo real desvalido, como o amazônico e marajoara. As reinvenções do mundo, da educação, do currículo, feitas por Alfredo com seu carocinho de tucumã na palma da mão, por exemplo, pontua bem esse universo imaginário que traz consigo o mundo de todos dos marajoaras daquele contexto, narrados em **Chove nos Campos de Cachoeira e Três Casas e um Rio**.

Entender a literatura desta maneira é concebê-la como resistência, porque impulsiona o artista a questionar suas certezas. Neste sentido, a palavra literária, expressa pelas mãos de Dalcídio Jurandir joga com a concepção de um sujeito centrado. Ao construir uma narrativa que destitui a figura de um herói, Dalcídio descola sua atenção da subjetividade, mesmo de Alfredo, personagem em torno qual se desenrola a trama, pois não há um sujeito que represente os demais, como protótipo de identidade do povo Amazônida. Alfredo é um com os outros, pois a narrativa se vale, em todo momento, desta relação, tirando a centralidade de um sujeito em especial e mesmo de qualquer sujeito. Alfredo é “[...] o desconhecido, o estrangeiro, o exilado, o errante, aquele que está liberto de toda interioridade” (LEVY, 2011, p. 42). Seu desejo de formação o faz caminhar errante,



criando e recriando mundos próprios que só a literatura como experiência do fora, como neutro, como impossibilidade possibilita criar.

Considerado desta maneira, o currículo presente na literatura dalcidiana não se restringe a seleção e organização do conhecimento, daquilo que vale a pena ser ensinado no âmbito escolar, um currículo “assentado” onde tudo está posto, previsível. Está também nisto, mas muito mais em um devir constante, um currículo “vagamundos, clandestinos intelectuais e sociais” que não se restringe aos manuais e, tampouco, ao ambiente escolar. Foge a concepção mais hermética, rígida e resolvida de currículo. “É preciso perguntar como se pode pensar o intratável, o impensável, o não-pensado do pensamento curricular, a exterioridade, o diferente de si, o seu outro?” (CORAZZA, 2003, p. 32). Não se costuma enxergar uma prática curricular desta forma nas escolas, nem nas contemporâneas, menos ainda na época em que se passam os romances dalcidianos, que data do início do século passado.

Dentre outras formas de se entender e abordar o currículo neste sentido, é válido o entendimento de currículo como prática de significação concebida por Tomaz Tadeu da Silva (2001) nas incursões das obras dalcidianas, no que concerne a saga de Alfredo em busca do conhecimento, nas escolas de que dispunha na época, na sua casa com a sua mãe D. Amélia e seu pai Major Alberto, no caminhar pelos campos de Cachoeira, pelos rios que o levavam a capital Belém. Seu movimento de pensamento parte das críticas à lógica dominante no campo, arguindo que “A doxa triunfante, o pensamento único, o consenso fabricado fecham o campo da significação, restringem as alternativas, apagam a memória, negam o passado, reificam o presente e sequestram o futuro” (SILVA, 2001, p. 8). Contrapõe-se a essa noção de currículo e cultura que reflete, de forma distorcida, uma dada realidade, logo, como algo estático, pintado constituído de uma essência que precisa ser desvelada, revelada, limpa de tantos condicionantes que não nos permite ver o colorido de tal realidade. Concebe-a “menos como um produto e mais como produção, como criação, como trabalho” (SILVA, 2003, p. 17).

As obras dalcidianas trazem à tona questões curriculares nelas difusas e por elas torna-se oportuno discutir a noção de currículo que estes escritos buscam problematizar, procedendo à crítica daquelas noções mais herméticas, como também apontando linhas de fuga destas formas mais rígidas de se conceber o conhecimento. Deste modo, a situação educacional a que Alfredo se encontra no Liceu, narrada no romance **Primeira Manhã** contrasta com todas as criações e recriações feitas por ele no Marajó, nos campos, com o caroço de tucumã subindo e descendo na



palma da mão. Via-se diante de um estudo frígido, desmotivador e sem perspectiva de produzir conhecimento.

Viu de repente no rosto da inspetora, entrou saiu, a carroça que na rua rodava, fixou-se nos beijos do professor, dissolvidos no rosto de peixe azulado de gelo e barba, a lição escorria [...] Que estou fazendo aqui, quem marcou este encontro entre estas criaturas e aquele gelado peixe de óculos? Que entendimento há de sair deste ouvir de muitos e daquele falar de um só? (JURANDIR, 1967, p. 6).

Nas obras que Dalcídio Jurandir narra as situações em que Alfredo pulsa por uma educação fora daquele ambiente de Cachoeira – como a escola do seu Proença, do professor Valério – descritos nos dois romances em que o autor desdobra o Marajó e sua cultura, quais sejam, **Chove nos campos de Cachoeira e Três Casas e um Rio**, encontramos o personagem em uma incessante busca, um constante desejo de formação.

Foi uma noite dedicada ao colégio, aquela noite depois do “cinema”. Alfredo embalava-se, embalava-se. Não resistiu e foi, pé ante pé, tocar na rede da mãe. E deu, surpreendido, com ela acordada, os olhos tão abertos na escuridão, que brilhavam.

— Que foi, meu filho?

Ele lhe queria perguntar, mas desta vez sem nenhum azedume: quando vou pro colégio, mamãe. Por intuição ou pressentimento de menino, julgou que a mãe estava precisamente pensando a mesma coisa, por isso estava acordada ainda, preocupada com aquilo que tanto desejava fazer pelo filho (JURANDIR, 1994, p. 14).

Questão plena de significação é a aprendizagem que se dá como travessia, em que Alfredo encontra-se sempre em um permanente caminhar pelo vilarejo, pelos campos e depois pela capital Belém, pelas suas memórias e imaginação, como é visto em **Chove nos Campos de Cachoeira**.

O que o diverte na sua ida para a escola são os cajus que seu Roberto apanha de seu quintal e lhe dá quase todas as tardes [...] Com um carocinho daqueles imagina tudo, desde o Círio de Nazaré até o Colégio Anglo-Brasileiro. [...] Tudo fazia para que Alfredo se encharcasse de sonho, de imaginações. A bolinha subia e caía na palma da mão. A realidade daquela viagem para a escola só estava nos cajus. Alfredo tinha era camaradagem pelos cajueiros. Eles ensinavam mais que o seu Proença (JURANDIR, 1991, p. 45; 76).

Alfredo aprendia pela experiência que o tocava, movido por um desejo enorme de se educar fora de Cachoeira, sem ter a consciência de que sua educação, o currículo como prática de significação já estava sendo formado nele, a partir de sua sensibilidade em ver e ser tocado pelo que ocorria em seu entorno naqueles campos queimados, no caroço de tucumã, nas suas memórias.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tentativa de aproximações de campos do saber, aparentemente distantes uns dos outros, se constitui como o mote destes escritos e na medida em que se estabelecem ligações, canais de comunicação entre eles, no caso Literatura, Filosofia e Currículo, se vai percebendo que há muito de educação na filosofia na literatura e vice-versa. A tarefa é buscar linhas de fuga, fronteiras onde tais conhecimentos se tocam e nos tocam.



Trabalhar a literatura como experiência do fora, de um mundo que não representa o real, mas que o funda, recria permite o exercício da imaginação e da memória para perceber as concepções de mundo, de sociedade, de educação que tal literatura questiona, problematiza e ao mesmo tempo nos impele à resistência e a reconstrução de novas realidades, sempre em um porvir, num devir que é sempre contingencial que está, em todo momento, se desterritorializando, em mutação, nunca cristalizado e fechado em verdades imutáveis.

A literatura de Dalcídio Jurandir, ao questionar e desejar uma educação “de verdade” para o menino e o jovem Alfredo, redescreve um currículo, um conhecimento a partir das experiências que o tocam, a partir do seu deslocamento, do seu desejo de formação, da sua memória viva, não pintada como uma cena que causa nostalgia. A educação de Alfredo se faz ao caminhar, é um constante acontecimento e que não se passa propriamente dentro da escola básica. Passa-se nela também, mas em todo momento, pois sua imaginação é fértil, principalmente quando deseja sair daquela situação de educação provinciana nos campos de cachoeira, em que ele julgava nada a acrescentar em seus conhecimentos.

As situações educacionais pelas quais Alfredo passa são sempre atravessadas por desejos e frustrações de uma educação derruída, precarizada que Dalcídio denunciou de forma poética, artística, mas não menos crítica e contundente. São pelas veredas das narrativas encharcadas de questões curriculares deste autor marajoara que se pode resistir, problematizar a educação na Amazônia de ontem e de hoje.

4 REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra. **Composições** / Sandra Corazza e Tomaz Tadeu. – Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos Campos de Cachoeira**. 3. ed. Belém: CEJUP, 1991.

JURANDIR, Dalcídio. **Primeira Manhã**. São Paulo: Martins, 1967.

JURANDIR, Dalcídio. **Três casas e um rio**. 3. ed. Belém: CEJUP, 1994.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SILVA, Tomaz T. **O currículo como Fetice: a poética e a política do texto curricular**. 2ª ed. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.